

# SérieAnis

Bioética • Ética • Feminismo • Gênero • Direitos Humanos • Justiça • Desenvolvimento Social

## A profecia genética: um comentário ao filme *Gattaca*<sup>1</sup>

Debora Diniz<sup>2</sup>

Não se imaginava que o debate entre a natureza e a cultura, um tema caro aos antropólogos e antropólogas culturais das primeiras décadas do século XX, seria revivido com tanta intensidade pela biomedicina. Os estudos genéticos, com suas predições e profecias, reanimaram os estudos sobre as determinações biológicas nos animais e vêm provocando a força das culturas que se crêem capazes de domesticar e modelar essa suposta natureza pré-figurada dos humanos. O filme *Gattaca* é exatamente a representação desse limbo, dessa fronteira ainda pouco determinada entre a força da natureza frente à avassaladora sedução da cultura e da socialização. E, muito embora o filme seja uma aposta no futuro da genética e da ciência como agentes controladores da vida social, o enredo nos conduz exatamente à conclusão oposta: se por um lado, Vincent, o protagonista principal do filme, apóia-se na nova ordem científica para sobreviver e ascender socialmente, ele também representa a falência da profecia genética que lhe foi feita ao nascer. Sua fragilidade física – 99% de chances de parada cardíaca, com uma sobrevida limite de 30,2 anos – não foi capaz de invalidar sua ânsia pela expressão social. Sim, a nova ordem social era fruto de uma matemática genética estabelecida ao nascer: predisposições genéticas a desordens caracterizavam os inválidos, ao passo que os válidos eram aqueles com altos índices de ‘quociente genético’, um conceito eficientemente criado pelo filme para resumir o conjunto de expectativas sociais condensadas pela biologia.<sup>3</sup>

Vincent era um inválido segundo a ordem sócio-genética do mundo representada por *Gattaca*. Entre pessoas válidas e inválidas, ou seja, entre aquelas nascidas pelo método natural e aquelas geradas com o apoio das tecnologias reprodutivas, o mundo social se organizava. O currículo de Vincent, assim como o de todos os personagens do filme, dos faxineiros aos diretores do centro espacial, era determinado pelas células. Sangue e urina eram capazes de resumir o que o fenótipo teimava em esconder. A uma primeira vista não havia diferenças entre Vincent e seu irmão, Anton, um válido gerado pelas tecnologias reprodutivas que lhe garantiram não ser obeso, não ter predisposição à violência e ter olhos e cabelos castanhos. Os instrumentos tradicionais de definição e registro da identidade, tais como a raça, perdiam seu sentido diante da força implacável do determinismo genético. E o enredo de *Gattaca* faz questão de provocar os

limites de nosso treino simbólico: o médico que atende os pais de Vincent por ocasião da segunda gestação é um negro, ao passo que o faxineiro-responsável pela limpeza na base espacial era um branco. A diversidade racial dos astronautas que acompanham Vincent rumo ao espaço – negros, brancos e amarelos, em posição de igualdade – é impensável para o nosso tempo. Nossa sociedade democrática está marcada pela raça, pela etnia, pelo gênero, variações físicas do conceito de classe social, assim como *Gattaca* esteve marcada pelas células de DNA. Propositadamente, deslocaram-se as identidades raciais de seus locais tradicionais: não importa se são pessoas negras ou brancas, o fato é que geneticistas e faxineiros são antes definidos por sua genética molecular que mesmo por sua aparência fenotípica. Os limites raciais foram ultrapassados pela descoberta dessa suposta natureza humana resistente à perfeição, algo que é capaz de nos nivelar pelas deficiências e falhas.

A inteligência do projeto sócio-genético apresentado pelo filme está no fato de que a identidade das pessoas válidas não se estabelece por um conjunto de valores idílicos que todos as pessoas deveriam compartilhar, tal como vulgarmente sustenta qualquer ideologia de superioridade racial; estabeleceu-se pela ausência de falhas, um processo interminável de definição da perfeição em que o tipo ideal estaria sempre por ser alcançado. Proliferam pessoas quase-perfeitas em *Gattaca*, a tal ponto que o diretor do centro espacial rememora o tempo em que foi preciso aceitar pessoas portadoras de falhas mais significativas. Essa perfeição biológica sempre por alcançar, o geneísmo, isto é, a ideologia que supõe haver uma superioridade genômica de alguns humanos em detrimento de outros, está dentre as filosofias segregacionistas das mais eficazes que a humanidade poderá criar. Não há tipo ideal, não há modelo de bom. Este é um valor sempre a ser descoberto, mas continuamente balizado pelas falhas das pessoas inválidas. Por isso, arriscaria dizer que não há uma pessoa em *Gattaca* com ‘quociente genético’ de 100%, uma vez que esta é uma medida fruto da esperança genética da perfeição que nunca será alcançada.

Assim como Gerome, com quociente genético de 92%, era uma das peças desse processo de busca interminável da perfeição, os teimosos pais de Vincent, que acreditavam em outros valores para a concepção humana, como a religião ou o amor conjugal, também cumpriam seu papel na definição da ideologia geneista de *Gattaca*. Na época da gestação de Vincent, seus pais acreditavam que o fundamental era apenas “dez dedos e um corpo perfeito”, não importando as surpresas futuras que o invisível DNA poderia carregar. No entanto, essa foi uma frágil tranquilidade frente aos desígnios da ciência. Para os pais

# SérieAnis

Bioética • Ética • Feminismo • Gênero • Direitos Humanos • Justiça • Desenvolvimento Social

de Vincent, o anúncio do diagnóstico inevitável de sua cardiopatia, bem como a responsabilidade pela opção de uma gestação natural, em um tempo em que grande parte das crianças era tecnologicamente gerada, foram argumentos mais fortes que qualquer ímpeto romântico por concepções livres da tecnologia para a segunda gestação na família. Em nome dessa condescendência quase que inevitável à ciência, Anton foi uma criança fabricada, um *vitro*, segundo a terminologia de Gattaca. Anton converte-se no orgulho da família, um ser válido, fadado ao sucesso, ao passo que seu irmão-inválido predestinado à morte prematura.

Raça e classe não possuem mais aproximações sinonímicas no mundo sócio-genético de Gattaca. Universaliza-se o princípio estrutural da casta: ao invés dos indianos intocáveis, por exemplo, temos agora os inválidos determinados pela genética. A procura de nossas falhas, de nossas imperfeições capazes de abalar nosso 'quociente genético', polariza o mundo entre pessoas válidas e inválidas. "Sangue não tem nacionalidade", responde o intermediário a Vincent, por ocasião da apresentação de seu novo currículo genético. As entrevistas de emprego – e é importante atentar para a sutileza dessas cenas, uma vez que o trabalho é um dos principais mecanismos de ascensão social – não se davam pelas vias tradicionais de checagem do conhecimento formal e da experiência, mas pela análise da urina. O excremento humano, de unhas perdidas a cílios, torna-se o principal mecanismo de apresentação da capacidade intelectual e profissional das pessoas.

Assassinos são descobertos por descuidados sinais corporais, onde um aspirador de pó converte-se na principal arma de combate ao crime. Um cílio perdido é capaz de desvelar segredos do 'perfil genético' que nem mesmo seu dono conhecia. Até mesmo o jogo de sedução não está livre dessa predição genética, onde 'quocientes' e 'perfis' genéticos são mecanismos antecipatórios da viabilidade amorosa. A avaliação do 'perfil genético', com o conseqüente registro do 'quociente genético', é uma estratégia tão eficaz de seleção do parceiro afetivo quanto os arranjos matrimoniais comuns a inúmeras sociedades. Os tradicionais anúncios de jornal à procura do parceiro ou da parceira perfeitos são substituídos pelos quichês de análise de excrementos corporais: em instantes tem-se o perfil do candidato ou da candidata e uma avaliação genética do investimento afetivo. Mas é exatamente essa liberdade de expor as secreções corporais, livres do preconceito e do controle social, o que diferencia pessoas válidas e inválidas. Válidos testam seu sangue e exibem sua identidade sem constrangimento moral, ao passo que inválidos são recrutados em seu habitat como prováveis infratores.

Que a ciência comporta-se como um código religioso, essa é uma questão que inúmeros filósofos morais já demonstraram. A novidade de Gattaca é a incorporação da ciência genética como a religião do Estado. Do Estado Católico dos pais de Vincent, passamos ao Estado Genético que acompanhou a concepção de Anton. Acredita-se que quase tudo possa ser previsto e controlado pela genética, até mesmo o erro, como foi o filho não prometido do médico solidário a Vincent, por ocasião de seu embarque na nave espacial. "Estas são falhas previstas, mas não totalmente controladas", foi a expressão utilizada pelo médico que atende os pais de Vincent para a gestação de Anton. É preciso ter fé na ciência, nas predições e profecias auto-realizáveis da genética. Assim, se por um lado, Vincent estava fadado à morte prematura por sua natureza fraca, por outro, ele era também uma pessoa com a biografia traçada pela expectativa social de invalidez. Algo como se sua história pessoal fosse vivida antes mesmo de o futuro existir. A profecia genética retroalimenta-se em uma configuração social, onde escolas e planos de saúde não protegem as pessoas inválidas, fechando-lhes as portas da cultura e abandonando-as à sorte de uma suposta natureza inválida.

Neste sentido, a estrutura de Gattaca fortalece-se porque une, em sua ordem sócio-genética, natureza e cultura: a aposta na predestinação da natureza é tão intensa que a configuração social desenha-se para recebê-la e reafirmá-la. Felizmente, e para sorte de Vincent e desgraça de Gerome, não há gene do destino. O único destino implacável, seja para Estados Católicos ou Estados Genéticos, é o traçado pelo acaso. E foi a incerteza do acaso o que permitiu que Vincent se transformasse em Gerome, ao mesmo tempo em que Gerome pode continuar existindo como um válido navegador de Gattaca. O desenrolar da trama fez com que sangues, corpos e identidades misturassem-se em uma profusão de símbolos, onde se tornou difícil, senão impossível, demarcar as reais identidades de cada personagem. Vincent corporificou-se em Gerome e este se animou por meio de Vincent. Almas e corpos ressurgiram a partir da ordem sócio-genética de Gattaca. O acaso fez com que existisse um navegador paraplégico, assim como um cardiopata navegador. Duas possibilidades impossíveis em um contexto onde abundavam indivíduos quase-perfeitos.

A transformação de Vincent em Gerome representou mais do que a mera falência do sistema de controle de castas em Gattaca. Vincent era a contraprova de que o acaso pode ser uma força tão implacável quanto o determinismo genético. "Entrar em uma nave como faxineiro" era o destino sócio-genético do personagem, segundo a profecia de seu pai que, de tão frustrado com o futuro traçado

# SérieAnis

Bioética • Ética • Feminismo • Gênero • Direitos Humanos • Justiça • Desenvolvimento Social

para seu filho por ocasião do nascimento, preferiu reservar o nome Anton para o segundo filho, aquele que seria fruto de um método reprodutivo com garantias de sucesso. Mas o fato é que a contravenção social cometida por Vincent não deve ser entendida no sentido de que há esperança para a mudança da ordem sócio-genética, caso Gattaca venha a ser um mundo possível do futuro. Não, infelizmente, o sucesso de Vincent em ser o que não é, isto é, um espírito inválido em um corpo válido, não é uma infração acessível para todos. Ao contrário. O destino das pessoas inválidas, daquelas nascidas na casta inferior de uma ordem estática, é manter-se na invalidez. Não há esperanças para o rebanho de inválidos, uma vez que o sistema de dominação e que justifica a superioridade genética e moral dos válidos necessita do suporte silencioso daqueles imutavelmente considerados párias. Vincent era uma ameaça ao sistema, não apenas por ser um contraventor de uma ordem considerada perfeita, mas principalmente porque punha em dúvida a própria ordem. A ascensão social e intelectual do personagem provocava a fórmula de que um 'quociente genético' elevado seria a condição para o sucesso. As credenciais impecáveis de Gerome converteram-se no passaporte adulterado para a viagem espacial de Vincent.

A ida ao espaço era algo mais do que meramente um sonho infantil e impossível de se concretizar para o inválido Vincent. A viagem interplanetária era o espaço além-do-humano buscado pelo personagem. Muito provavelmente, um espaço livre da determinação sócio-genética de Gattaca que lhe reservava funções pouco dignas. O espaço era a parcela de sonho e de futuro que Vincent reservou para si desde a infância. Vincent não apenas era um ser descolado do real (sonhava em ser algo que não poderia jamais ser), como também era um indivíduo sem senso de futuro. A ausência do futuro, a iminência da morte prematura, foi o que o tornou capaz de vencer o irmão nas competições covardes no mar. Muito embora Anton não tivesse razões para perder, Vincent não tinha razões para planejar a volta, por isso oferecia todos os seus esforços ao tempo presente, o que o tornava mais forte e ilimitado que a genética perfeita do irmão. Vincent era uma suicida em potencial, por isso toda a força humana do possível lhe pertencia. Sim, a invalidez do personagem mutilava, antes de tudo, seu senso de localização histórica no mundo: ser um inválido é ser um indivíduo sem futuro, pois sua história já foi traçada pela ordem suprema da genética. Mas foi exatamente esse senso ahistórico que tornou Vincent um infrator capaz de subverter a ordem e de testá-la em seus limites.

Entre Vincent e Gerome há uma relação mais que simbiótica de combinação de

identidades. Não é apenas um jogo confuso entre corpos e espíritos o que está por trás dos dois personagens. Sugerir que Vincent seja o espírito de Gerome e este seu corpo é apenas um lado da questão, pois, à medida que a trama avança, os próprios personagens perdem-se em meio às suas novas configurações. Mas o curioso é exatamente entender o que tornou possível o encontro entre os dois personagens: por um lado, tem-se Gerome, um válido com um 'quociente genético' invejável, mas que busca a morte e, por outro, Vincent, um inválido predestinado à morte, mas que reluta em aceitá-la. O que une ambos é exatamente essa proximidade com a morte, essa antecipação da finitude humana. Não importa se Gerome era um ser quase-imortal, segundo as palavras do intermediário, ou que Vincent era um morto-vivo desde a infância: o que os unia não era o projeto de sucesso de Vincent como um navegador de Gattaca ou a sobrevivência de Gerome, mas sim esse jogo de aproximação-afastamento da morte. Gerome ansiava a morte e Vincent a esquecia. As reservas de sangue, urina e pele deixadas por Gerome a Vincent nada mais eram que a materialização da imortalidade genética do personagem, a principal herança que o débil inválido necessitava para sobreviver e aproximar-se da quase-imortalidade dos válidos.

Neste sentido, Gerome transformou-se no grande herói da trama. Desdenhar um 'quociente genético' de 92%, a quase-imortalidade prometida pela genética, significava abandonar o mais certo dos projetos de felicidade disponível em Gattaca. A invalidez provocada de Gerome exigiu um certo descontentamento prévio do personagem com a ordem social, um tema superficialmente abordado pelo filme. Não sabemos o porquê de Gerome ter tentado o suicídio. Constata-se apenas o deslocamento do personagem frente à validade do mundo. Mas o que tornou possível a realização do sonho infantil de Vincent, o desejo de ser o mais válido dos válidos, foi esse movimento insano anterior de Gerome: sem a tentativa de suicídio e seu confinamento a uma cadeira de rodas, Vicente jamais se transformaria em navegador de primeira estirpe. Ou seja, foi preciso que Gerome estranhasse a mais desejada das identidades disponível em Gattaca: Gerome desdenhou seu 'quociente genético' quase-perfeito. Foi assim que Gerome realizou o ato mais sublime reservado aos humanos: duvidou da certeza de seu lugar no mundo a tal ponto que foi capaz de abandoná-lo. Mas o fato é que a verdadeira profecia que está por trás do enredo de Gattaca não é a biografia de Vincent traçada no momento de seu nascimento. A lição profética do filme é aquela que aponta para o risco de que o desenvolvimento da genética e sua conversão na mais poderosa das religiões transformem-se em uma força totalitária inquestionável: a força de uma suposta

# SérieAnis

Bioética • Ética • Feminismo • Gênero • Direitos Humanos • Justiça • Desenvolvimento Social

natureza imutável, que sempre esteve encoberta e que, agora, miraculosamente vem sendo descortinada pela ciência.

---

<sup>1</sup> **Gattaca**. Diretor Andrew Niccol. 1997. 101 min. Estados Unidos.

<sup>2</sup> Antropóloga. Professora da Universidade de Brasília. Pesquisadora da Anis: Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero. <anis@anis.org.br>

<sup>3</sup> Válidos e inválidos são expressões do enredo do filme, por isso foram mantidas na declinação original de gênero.

---

**Bibliotecária Responsável:**

Kátia Soares Braga (CRB/DF 1522)

**Editora Científica:**

Debora Diniz

**Editores Executivos:**

Cristiano Guedes  
Fabiana Paranhos

**Conselho Editorial:**

Alessandra Barros  
Dirce Guilhem  
Marilena Corrêa  
Roger Raupp Rios  
Sérgio Ibiapina Costa  
Sílvia Yannoulas  
Tatiana Lionço

**Qualis Filosofia/Teologia/A Local/Capes**  
**Qualis Saúde Coletiva/C Nacional/Capes**

A **SérieAnis** é uma publicação seriada da Anis para divulgação de resultados de pesquisa sobre ética, bioética, direitos humanos, direitos reprodutivos, sexualidade, gênero, feminismo, deficiência, desigualdade, raça e justiça social. São publicados trabalhos originais, cujo objetivo é promover a discussão acadêmica.

**Tiragem:**

50 exemplares

**Endereço:**

Editora LetrasLivres  
Caixa Postal 8011  
CEP 70.673-970  
Brasília-DF Brasil  
+55 61 3343 1731  
serieanis@anis.org.br